

Imprensa Nacional  
Biblioteca Machado de Assis



B0026212

F  
583.32  
C344



## CÂMARA DOS DEPUTADOS

MILTON CASSEL  
Deputado Federal

# A ACÁCIA NEGRA NA PAISAGEM GAÚCHA

Discurso proferido na sessão  
de 28 de julho de 1970

F 328.32  
r C344a

AMENTO DE IMPRENSA NACIONAL  
Brasília — 1970

0026212

### O SR. MILTON CASSEL:

Sr. Presidente, Srs. Deputados, as coxilhas e as várzeas do meu querido Rio Grande vêm apresentando, de uns tempos para cá, nova paisagem. Não se encontram mais campos desolados, áridos e desertos. Nova fisionomia moldura a paisagem gaúcha. Lá encontramos, agora, grandes plantações de acácia negra, conhecida com o nome científico de *acácia decurens*, que, desde 1928, começou a modificar a nossa paisagem campesina.

Pelos idos de 1920, foram trazidas sementes de acácia negra, originária da África do Sul, e resolveram nossos colonos tentar seu cultivo em nossos campos. Obtido o resultado positivo, sua cultura foi-se tornando cada vez mais intensa, até atingir extraordinário desenvolvimento. A primeira plantação feita naquele Estado com fins comerciais foi realizada no sítio do Sr. Júlio Carlos Lohraann, no município de Estrela, exatamente em 1928. Ele e outros homens de indústria ligados à curtição de couro verificaram que o extrato de tanino era um produto de excepcional qualidade para curtir os couros, substituindo o quebracho e outros tanantes importados naquela época.

Logo após, o Sr. Edvino Lenck, curtidor da cidade de Estância Velha, ao constatar, em experiências realizadas, as grandes qualidades da acácia negra, resolveu também iniciar uma plantação em larga escala.

De lá para cá, Sr. Presidente, a acácia negra teve o poder de transformar, em novas paisagens, em terras férteis, propícias à cultura de qualquer produto, áreas antes completamente áridas.

E' evidente que, com o desenvolvimento da acacicultura, deveriam surgir indústrias que procurassem aproveitar esta matéria-prima. E não se fizeram esperar. Logo após, surgiu a primeira fábrica de extrato de tanantes, a Sociedade Anônima Extrativa de Tanino de Acácia, em Estância Velha, de propriedade exatamente do Sr. Edvino Lenck.

Em Montenegro, que se constituiu no centro produtor desta leguminosa, outra indústria surgiu, marcando uma nova etapa para

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA NACIONAL	
BIBLIOTECA	
NÚMERO	DATA
F194	22/10/70

F  
328.32  
e344a

aquela região, principalmente para o Município de Montenegro. Refiro-me à empresa Tanac S. A. que, desde o início, tem procurado desenvolver-se de modo bastante efetivo, incentivando, por todas as forças, o colono para o cultivo e a colheita da acácia negra. Os resultados foram os mais positivos. O nosso colono, que vinha produzindo pouco, em vista dos preços mínimos dos seus produtos, passou a encontrar na acácia negra uma válvula de escape, produto desde o início cotado a preços bastantes compensadores. Como sói acontecer neste País, em vista dos bons preços oferecidos pela casca da acácia negra, a plantação superou tôda e qualquer expectativa, passando a haver superprodução. Quando a oferta é maior do que a procura -- é uma lei natural -- o preço tende a diminuir. Foi exatamente o que aconteceu. Na década de 50, o preço da casca era quase que exorbitante. Entusiasmado com as cotações do mercado, o nosso colono descuidou-se de outras culturas, jogando-se por inteiro ao plantio da acácia negra. Como dito, a superprodução motivou a queda dos preços. Mas, a diminuição da cotação não foi de molde a desestimular por completo

Houve, então, em vista de ser o preço considerado baixo pelo produtor, uma certa retração, uma certa desconfiança sobre se seria realmente um bom negócio o plantio dessa árvore.

Surgiram daí vários problemas e dificuldades que quase levaram à bancarrota e ao completo desaparecimento essa cultura, que, além de azotar os nossos áridos e estéreis campos, estava proporcionando uma nova fisionomia e o surgimento de nova indústria.

o plantio e a cultura dessa leguminosa.

Acontece que a Associação Brasileira de Acacicultores, fundada com o espírito e o objetivo de defender os interesses do produtor e da indústria -- pois não é possível desvincular os interesses de um ao de outro -- em vista das grandes vantagens que estava oferecendo num novo campo comercial e agrícola, serviu de atrativo e foi utilizada para fins políticos. Numa das eleições de sua diretoria, moveu-se tremenda campanha e, infelizmente, constatou-se que tudo que era dito, tudo que se fazia servia apenas como trampolim para que os interessadas pudessem galgar outros postos.

O Sr. José Mandelli — V. Exa. faz uma acusação de que a Associação Brasileira dos Acacicultores foi utilizada para fins políticos. Pergunto: em favor de que facção?

O SR. MILTON CASSEL — A facção não importa, seja ela ARENA, seja MDB. O que merece relevo é que a finalidade da Associação foi completamente desvirtuada. Tratando-se de entidade que tem por objetivo precípua a defesa de uma classe, não

se pode admitir sejam os seus interesses subordinados a conveniências partidárias, quer da ARENA, quer do MDB.

Por esta razão, meu caro Deputado José Mandelli, é absolutamente secundário o fator político-partidário no exame do problema. Mas ele surgiu e as finalidades da Associação foram, como é óbvio, totalmente desvirtuadas. Com o passar dos tempos, veio ela praticamente a falir. Hoje, suas portas estão cerradas, o acacicultor não encontra mais aquele amparo, aquele estímulo que deveria obter de sua entidade de classe. E houve quem procurasse, através de todos os meios, de sórdidas manobras, liquidar com os acacicultores, no Rio Grande do Sul.

Sabem V. Exas. que a praga que ataca e destrói os acaciais é um inseto conhecido vulgarmente pelo nome de serrador. Este serrador ataca os galhos das árvores, serra-os e ali deposita os seus ovos. Logo após, como é natural, a multiplicação se faz de modo extraordinário, e, se não combatido a tempo, a praga torna-se calamitosa. Haja visto, que, seguindo conselhos e orientação dos dirigentes da Associação, naquela época, que fizeram mesmo uma campanha no sentido de o nosso colono não mais combater o serrador, um problema muito grave começou a surgir no Rio Grande do Sul. A multiplicação do serrador se fez de modo tão violento, tão acentuado, que não eram mais só os acaciais os prejudicados pelos seus ataques, mas inclusive os vinhedos, os parreirais da encosta da serra, a começar por Garibaldi, Bento Gonçalves e outras áreas da região de colonização italiana estavam já sofrendo os ataques do serrador. Na região do vale do rio dos Sinos, no vale do Caí, no vale do Taquari, do Jacuí quase todas as culturas estavam à mercê do serrador.

Foi nessa oportunidade, então, que o Governo do Estado, preocupado com esse problema, resolveu baixar a Lei n° 2.869, de 1965, que tornava obrigatório o combate ao cascudo-serrador. Daí para a frente, verdadeiras campanhas foram encetadas para combater o cascudo. Através de motivações junto às escolas, através de sermões nos templos do interior, através de comandos da Brigada Militar, iniciou-se uma guerra total ao serrador, no Rio Grande do Sul. E a campanha, felizmente, foi bem sucedida, porque, para se combater esse cascudo-serrador, basta queimar os galhos serrados e que já estão no chão, no período de princípios de fevereiro a fins de junho, normalmente, podendo esse prazo, inclusive, ser prorrogado até setembro, caso haja tempo seco.

Fizeram-se, em comemoração, inúmeras fogueiras de São João; estabeleceu-se uma frente única de combate e, felizmente, os resultados foram os mais compensadores.

Senhor Presidente e Srs. Deputados, **dizia** eu no princípio, que o tanante da acácia negra apresentava resultados extraordinários na curtição do **couro**.

Até **1956**, as nossas indústrias de curtimento importavam cerca de 25 mil toneladas por ano de tanantes de várias **procedências**. Essa cultura e a conseqüente instalação das indústrias dela derivadas tornaram o nosso País auto-suficiente. Além disso, estamos **hoje** competindo vantajosamente no mercado internacional, com acentuadas exportações para todos os países do mundo, que se iniciaram a partir de **1961**. Só para que se tenha uma ideia da importância dessa indústria para o nosso Estado e o nosso País, basta dizer que, além da não utilização de divisas para importação de tanantes, o que perfaz, anualmente, uma **cifra** de mais de 4 milhões de dólares, a partir de 1961 **tornamo-nos** um País **exportador**.

As cifras bem caracterizam o modo crescente com que o mercado internacional vem sendo conquistado. Assim, em **1961**, a nossa indústria de taninos realizou uma exportação de 270 mil **dólares**; em 1962, de **150 mil** dólares; em 1963, de 190 mil; em **1964**, de 365 mil; em 1965, o mercado foi agredido com mais decisão e as cifras, evidentemente, aumentaram: em 1965, exportamos mais de 1 milhão e 200 mil dólares; em 1966, 1 milhão e 300 mil; em 1967, 1 milhão e 700 mil; em 1968, 2 milhões e 47 mil dólares; em 1969, 2 milhões 852 mil dólares. Em tonelagem, isso representa os seguintes **coeficientes**: ano de 1965: mais de 9 mil toneladas; a mesma quantidade em 1966; em **1967**, mais de 10 mil e 500 toneladas; em 1968, mais de 15 mil e 800 toneladas; em 1969, mais de 17 mil e 700 toneladas.

Ora, Sr. Presidente, para um País como o nosso, que agride dessa forma o mercado internacional e obtém êxito, é evidente, é lógico, é compreensível que os antigos fornecedores desse mercado internacional não dariam a mão à palmatória e não deixariam as coisas correrem a **bel-prazer** dos interesses **brasileiros**. Uma empresa inglesa, que possui o "trust" de fornecimento de **tanantes** para o mercado internacional iniciou, ao sentir o produto brasileiro nesse mercado, uma violenta campanha, procurando de todas as formas se não destruir, ao menos deter a marcha ascendente de nossa indústria de tanantes. Assim, por várias vezes, seus principais dirigentes vieram até o nosso País, procurando estabelecer, no seu entendimento, uma espécie de **gentlemen agreement** e, como conseqüência, formar um contingenciamento nas exportações. Propunham os diretores da **Forrestal International**, de Londres, que a nossa indústria concordasse em receber uma quota anual de três mil toneladas para exportação, aumentando-se, como conseqüência,

os preços por tonelada. Evidentemente os nossos industriais não concordaram com essa medida, uma vez que já na época desse entendimento exportávamos três vezes mais do que a quota que nos era oferecida pela Forrestal.

Verificando que a nossa indústria procurava conquistar cada vez mais o mercado internacional e que não conseguiram êxito através desse estabelecimento de **quotas**, procuraram adquirir o controle acionário de nossas principais empresas e fizeram carga sobre a TANAC, de Montenegro e sobre a SETA, de Estância Velha, as duas maiores empresas das cinco existentes no Rio Grande do **Sul**, tendo a TANAC, inclusive, considerada uma das maiores empresas do gênero no mundo inteiro. Ao constatar que estariam a malhar em ferro frio, voltaram seus olhos para duas pequenas empresas, uma de Montenegro e outra de Portão, ambas também do Rio Grande do **Sul**, e conseguiram adquirir o controle acionário dessas duas firmas. **E'** evidente que, através delas, a Forrestal International estava procurando estabelecer um "dumping" e, com isso, destruir a nascente indústria de tanino e a acacicultura no nosso País.

O Sr. **Lyrio Bertolli** — Nobre Deputado Milton **Cassel**, venho congratular-me com V. **Exa.** pelo discurso que está pronunciando que demonstra a profundidade do seu conhecimento na **matéria**. Sinto-me feliz ao ver o desempenho de V. **Exa.**, que tão bem representa aquele povo do tradicional Rio dos Sinos, do Rio Grande do Sul. Aliás, a sua atuação nesta Casa tem sido observada por todos os colegas, e as congratulações que hoje registro não são apenas a V. **Exa.**, mas ao povo que o enviou à Câmara. Mas, quando V. **Exa.**, no mérito do seu discurso, abordou a possibilidade da aplicação do "dumping", por uma firma que pretendeu e conseguiu o controle acionário de uma das nossas indústrias, eu vejo a necessidade de que o Governo, através dos seus órgãos competentes, dê um tratamento específico a essa questão, a fim de que a nossa indústria possa sustentar a possível concorrência que se lhe venha fazer. Aliás, não foi outro o tratamento que aplicou a **Alemanha**. O que me parece estranho é que esta firma pretenda aplicar o "dumping", quando **este** deveria ser aplicado pela nossa política comercial exterior, com relação à indústria de calçados e do tanino, e a outros produtos nacionais. Nobre Deputado, ouço o seu discurso com a maior atenção, e tenho a certeza de que chegando **êle** a quem de direito, há de ter a repercussão necessária, a fim de que se ressalvem, antes de tudo, os interesses do Rio Grande do Sul e do Brasil.

O SR. MILTON CASSEL — Muito grato a V. **Exa.**, nobre Deputado Lyrio Bertolli. Evidentemente, a observação do nobre

Deputado vem muito a propósito. E' verdade que, desde o principio quando iniciadas as exportações, a nossa indústria começou a sentir as pressões de seus concorrentes **internacionais**. As nossas autoridades foram devidamente alertadas e tomaram, sempre, as providências necessárias no sentido de salvaguardar os interesses da indústria nacional. E' preciso, inclusive, que, diante do registro de V. Exa., se faça aqui, de público, já não digo um **agradecimento**, mas um autêntico reconhecimento em especial à **CACEX**, que soube compreender a verdadeira profundidade e o verdadeiro sentido do problema, em todas as circunstâncias, em todas as oportunidades, e dar mão forte à indústria brasileira. Graças à atitudes como a tomada pelo Banco do Brasil, através da CACEX, conseguimos consolidar nossa posição no mercado **internacional**. Registro, pois, com satisfação, o aparte de V. Exa. e com todo o prazer, o incorporo ao meu modesto pronunciamento.

Mas, Sr. Presidente, falava eu do montante, em dólares, das nossas exportações. Diante da posição tomada pelas nossas autoridades e pela própria indústria, os nossos colonos compreenderam, afinal, que estavam sendo iludidos na sua **boa-fé**, ao se lhe aconselharem que não mais produzissem acácia negra uma vez que a indústria nacional estaria fadada a **desaparecer**. Como em todas as novas iniciativas, como em todas as culturas feitas em termos racionais e comerciais — como desde o principio se fêz com a acácia negra — industrias subsidiárias vieram a estabelecer-se no Rio Grande do Sul, procurando aproveitar a grande quantidade de madeira que estava sendo oferecida pelos acacicultores, visto que seu aproveitamento como combustível apenas, já era desinteressante para o produtor.

Em razão disso, foram feitos grandes esforços no sentido de implantar e fazer funcionar na cidade de Taquari a Sociedade Anônima Taquariense de Papel — SATIPEL — e em Gravataí, nas proximidades de Porto Alegre, a Madequímica Sociedade Anônima, indústria de madeira termoestabilizada. Agora, finalmente, uma nova indústria vem, de modo concreto, situar o problema em seu devido termo, transformando a cultura, o plantio e a colheita da acácia negra num dos negócios mais rendosos do Rio Grande do Sul. Em Guaíba, está-se instalando a Indústria de Celulose Borregaard S. A., que irá industrializar enormes quantitativos de madeira de acácia negra e de eucaliptos. Somente para que se tenha uma ideia da importância desse empreendimento, basta que se diga que a Borregaard S. A. irá imobilizar, numa primeira etapa, a importância de 65 milhões de dólares e irá industrializar, anualmente, 1.200.000 metros cúbicos de **linha**.

O Sr. *Medeiros Neto* — Permita-me, nobre Deputado Milton Cassel. Já houve quem dissesse, nesta Casa do Congresso

Nacional, que o Rio Grande do Sul ingressara em ciclo involutivo. Mais além afirmara que o Rio Grande do Sul havia parado. Houve mesmo quem tentasse afirmar que ali a descapitalização era **sensível**, tangível e perceptível. Mas, ao revés disso, o que estamos a ouvir de V. Exa., com tôda a categoria e autoridade com que o faz, é depoimento eminentemente valioso sobre aquilo que realmente é contrário às opiniões expendidas dessa tribuna por outros colegas, representantes do Rio Grande do Sul. **Congratulo-me**, assim, com V. Exa., que está a refletir, a retratar e a espelhar essa fisionomia real da terra gaúcha, essa sua imagem realmente promissora, auspiciosa e alentadora, principalmente para aqueles que, como eu, sempre descobri no Rio Grande do Sul não apenas o fronteiriço Estado, porém uma chama de esperança para **este País**. Sabemos que efetivamente aquele quase limítrofe Estado do Paraná, apenas, como dizia o poeta com aquela barragem feita por Santa Catarina ao meio, teve uma prosperidade que assombrou e, quase que num deslumbramento, acordou um novo ciclo para a economia do Brasil. Mas isso não transferiu para o dia de amanhã essa apoteose consagradora do progresso do Rio Grande do Sul. Por sinal, é de verificar-se que a prosperidade do seu Estado natal não é, como ocorreu no Nordeste, à mercê da monocultura. E' a prosperidade diversificada, com fundamento numa industrialização crescente e numa agricultura eminentemente **policultura**. Aceite V. Exa., a par do meu desvanecimento por ouvi-lo, o meu contentamento por escutá-lo e a segurança de que ao lado do Rio Grande do Sul, esta Pátria descobre sempre uma perspectiva nova que ontem significou liberdade e hoje caracteriza progresso.

O SR. MILTON CASSEL — Muito obrigado a V. Exa., ilustre Deputado Medeiros Neto. Não seria demais aqui, meu caro Deputado, dizer que nós, gaúchos, consideramos V. Exa. um embaixador nosso na tradicional Alagoas. Nas oportunidades em que V. Exa. já visitou o nosso Estado, bem sabemos os registros de otimismo e de incentivo que ali deixou, o que para nós constituiu um autêntico lenitivo e — por que não dizer? — uma excepcional ajuda para que cada vez mais trabalhássemos pela grandeza e pelo desenvolvimento do nosso Estado e de nosso País. Registro verdadeiramente emocionado o brilhante aparte de V. Exa., que com grande prazer, incorporo ao meu pequeno pronunciamento.

Mas, Sr. Presidente e Srs. Deputados, dizia que o desenvolvimento, em termos racionais e lógicos, da acacicultura e da indústria do tanino teria, como consequência inegável, o surgimento de novas indústrias, dentre essas a que acabei de destacar a excepcional Borregaard S. A., cujas instalações estão sendo levantadas

no Município de **Guaíba**. Com a implantação dessas indústrias, está mais do que evidente que os problemas que antes preocupavam o nosso produtor não mais **surgirão**. Inclusive podemos dizer que daqui para diante nosso colono plantará a acácia negra, já não mais para vender sua casca, mas para negociar sua lenha, passando a casca a ser quase um subproduto daquela **cultura**.

Diante de êxito tão retumbante e tão extraordinário, seríamos injustos se não prestássemos, desta tribuna homenagem a um homem que tem sido incompreendido, atacado e **espezinhado** e que sofreu durante vários anos, as maiores injustiças. Nunca, porém, perdeu a fé no nosso colono, nas possibilidades de nossa **indústria** e do nosso País. Refiro-me ao Sr. Ernesto Popp, diretor da **TANAC S. A.**, que, apesar de não ser brasileiro, resolveu adotar o Brasil como a sua nova pátria, porque encontrou aqui condições indispensáveis para a criação de grandes indústrias, com probabilidades de desenvolvê-las cada vez mais.

À **TANAC** hoje a maior empresa do ramo no mundo, graças à orientação segura que lhe vem sendo imprimida através dos tempos e às atividades extraordinárias de seu gerente, Sr. Ernesto Popp, transformou-se nos últimos anos num verdadeiro império industrial. Hoje, poder-se-ia caracterizar a área compreendida entre os rios Caí, Taquari, Sinos, Jacuí — por que não **dizê-lo** — e o rio Pardo, em duas etapas: a etapa pré-**TANAC** e a pós-**TANAC**. Efetivamente, quem conheceu aquela área e os problemas que afligiam os nossos colonos sente-se hoje satisfeito ao ver o progresso e o desenvolvimento daquelas **várzeas**, dos campos, ontem isolados, desertos, quase estéreis, hoje, transformados, graças à **acacicultura**, em belíssimas paisagens, propícias a culturas de qualquer espécie.

Mas para que êsse extraordinário progresso não sofra solução de continuidade é preciso que as autoridades fiquem atentas ao problema da **acacicultura** e da sua indústria. Isto porque os interesses internacionais afetados com o desenvolvimento da nossa indústria, ainda não pararam a sua ofensiva contra o Brasil.

Para desolação nossa, alguns **patrícios**, iludidos na sua boa-fé, e outros, com notória **má-fé**, procuram prejudicar êsse extraordinário incremento que se está **fazendo** sentir na zona rural e colonial do Rio Grande. E' preciso que o Governo observe o movimento desses inimigos da Pátria e procure fazer justiça, dando a César o que é **'de César**. Além disso, o Governo Central, que procura de todas as formas e de todos os modos, desenvolver a silvicultura, deve, através do Banco Central, procurar suprir as agências bancárias do Rio Grande do Sul, especialmente aquelas ligadas ao cultivo e ao plantio da acácia negra, dos fundos do **FUNAGRI**, a

fim de que o nosso colono possa melhor desenvolver suas culturas, servindo-se das vantagens oferecidas através da Resolução 140.

Não seria **demais**, Sr. Presidente, nesta **oportunidade**, **solicitar** ao Banco Central que determine, de imediato, o suprimento de verbas às agências bancárias do Rio Grande do Sul. através da Resolução do Conselho Monetário Nacional que estabeleceu **nôvo** regime ao crédito rural, e estude a possibilidade de o **nosso** pequeno produtor **conseguir** os financiamentos necessários ao desenvolvimento de suas culturas.

Ao finalizar, queremos deixar aqui o nosso voto de fé e a nossa confiança não só no colono plantador de acácia negra como também nas indústrias correlatas, sejam as do tanino, **sejam** as da industrialização da madeira, uma vez que desse esforço comum, resultará, sem sombra de dúvida, uma nova fisionomia para o nosso Estado e um **nôvo** conceito para o nosso País. (*Muito bem; muito bem. Palmas.*)